

## "TODO O MUNDO É UM PALCO!"



**ESTHER DE CARVALHO** 

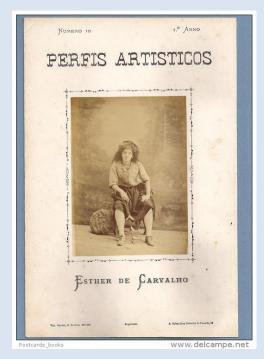
Depois de um longo interregno causado pela participação no projeto E.L.I.O.T., a *newsletter* do Clube volta a ser publicada. Desta vez, a personalidade selecionada é a atriz Esther de Carvalho.

A *newsletter* dá-te a oportunidade de conhecer algumas curiosidades sobre a sua vida.

Como diria Shakespeare, "Todo o mundo é um palco".

## Esther de Carvalho

(Montemor-o-Velho, 1858 - Rio de Janeiro, 1884)



A 20 de Agosto de 1858, nasce, em Montemor-o-Velho, Esther Amélia da Costa Coutinho da Silva Carvalho, figura maior do teatro oitocentista português e brasileiro, filha do bacharel António Augusto Coutinho da Silva Carvalho, natural desta vila e também ele um do teatro cuja "fama homem merecimentos chegaram mesmo Lisboa, onde era muito conhecido e

apreciado por alguns dos melhores artistas d'esse tempo", e de Maria Amélia da Costa Côrte-Real, residentes em Montemor-o-Velho, na Rua ou Largo do Outeiro.

Com a morte da sua mãe foi educada pelas suas tias, na Cidade da Figueira da Foz, que nunca a contrariaram e eram as primeiras pessoas a enaltecerem-lhe os dotes físicos, tornando-a vaidosa e *coquette*. Quando tocava e cantava dentro de casa, com as janelas abertas, todas as pessoas que passavam na rua paravam a escutá-la com prazer.

Ainda tentou ser professora, mas "o seu espírito demasiado folgazão, o seu temperamento voluptuoso e a conduta libérrima que

trilhara, prejudicaram-na nessa carreira. O orgulho que sentia ao ver-se adulada e requestada incessantemente, por ser elegante e formosa, despertou-lhe outro sentimento, o desejo impetuoso de vir a ser aclamada pelo seu valor, de ser aplaudida pelo seu talento, de, enfim, alcançar a glória."

A sua estreia no Teatro da Trindade, na Cidade de Lisboa, "ao lado do Ribeiro e do Augusto", a 31 de Março de 1880, na opereta "O Cão do Malaquias", constituiu um autêntico sucesso. Os jornais dessa época fizeram-lhe os mais calorosos encómios, salientando, uns, que ela passara imediatamente à categoria de "primeira actriz do Trindade". De papel para papel ia conquistando "mais agrado e firmando os seus créditos de actriz e cantora". Assim, foi no "Orfeu no Inferno", "Doutor Rosa", "Rouxinol das Salas", "Filha do Inferno", "Dragões d'El-Rei", "Estrela do Rei", "Uff" ("caindo a peça, mas sendo ela aplaudida"), "Último Figurino", "Filha da Senhora Angof", "Três Dragões", "Perichole", "Chalet", "Mascote" e "Dragões de Vilares", a ultima ópera que cantou em Lisboa, "foram noites de gloria para a notavel e gentil artista".



No entanto, fosse pela complexidade do seu feitio, pouco dado ao "viver pacato e metódico do Teatro da Trindade", fosse pela sedução que o Brasil exercia sobre si, decide partir para o Rio de Janeiro. Sousa Bastos conta que Esther, logo que chegou ao Rio de Janeiro, lhe enviou um bilhete ao Teatro Príncipe Imperial, de que era empresário, dizendo: "Meu caro Sousa Bastos – Quer-me no seu teatro? – Esther".

O que Esther de Carvalho "fez daí por diante é indescriptivel. Passava os dias na rua, de porta em porta, de estabelecimento em estabelecimento, fazendo propaganda em seu favor, lamentandose, até formar um partido" que de imediato rivalizou com a "endiabrada" Pepa Ruiz, assim considerada pelas primeiras plateias de Lisboa, Porto e Rio de Janeiro, grande actriz de origem espanhola, geralmente conhecida pelos brilhantes papéis de opereta, revista e comédia que protagonizava.

A luta entre "Estheristas" e "Pepistas" chegou a preocupar seriamente a polícia, quase provocando uma revolução no Rio de Janeiro.

Entretanto torna-se empresária, com o actor Ribeiro e o maestro Alvarenga, no Teatro Recreio Dramático, mas, pela morte trágica dos seus sócios ficou sozinha a dirigir o teatro, num trabalho esgotante e infeliz, porque se tuberculizou. Sousa Bastos diz também que Esther morreu desgraçada "a ponto de lhe venderem o último móvel e o senhorio querer pô-la fora da porta, moribunda, quando até já cortara a última trança do cabelo para vender. E que bonitos cabelos ela possuía".



Acaba por falecer a 15 de Janeiro de 1884, ficando sepultada ao lado do seu "companheiro" Ribeiro "num lindíssimo jazigo que tinham mandado fazer e não chegaram a pagar", no Cemitério de São João Baptista, na Cidade do Rio de Janeiro.

O seu funeral constituiu uma extraordinária manifestação de pesar. Os seus admiradores cariocas, dedicados ao extremo, eram em tão elevado número que fundaram

associações de recreio (Ateneu Dramático Esther de Carvalho e Sociedade Esther de Carvalho) e de socorros mútuos (Associação de Socorros Mútuos Memória a Esther de Carvalho) com o seu nome, em homenagem à sua memória, atitude que viria a ser seguida pelos seus conterrâneos quando decidiram atribuir o seu nome ao Teatro de Montemor (Teatro Infante D. Manuel) e a dois dos grupos de teatro amador fundados nesta vila – o Grupo Dramático-Beneficente Esther de Carvalho (1913) e o Centro de Iniciação Teatral Esther de Carvalho (1970).

*Mário José Costa da Silva* (Licenciado em História e Mestre em História Moderna pela Universidade de Coimbra)

**Bibliografia:** A Liberdade (1891); BASTOS, António de Sousa, "Carteira do artista: apontamentos para a historia do theatro portuguez e brasileiro acompanhados de noticias sobre os principaes artistas, escriptores dramaticos e compositores estrangeiros", Lisboa, Antiga Casa Bertrand - José Bastos, 1898. Existe edição facsimilada de Lisboa, Arquimedes Livros, 2007; BASTOS, António de Sousa, "Diccionario do Theatro Portuguez", Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1908. Existe edição facsimilada de Lisboa, Arquimedes Livros, 2006; "Commercio da Figueira (1880-1885)"; CONCEIÇÃO, Augusto dos Santos, "Terras de Montemor-o-Velho", 2.ª edição, Montemor-o-Velho, Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, 1992; "Jornal do Centro" (2007); MELLO, A., "Ester de Carvalho", in Occidente, n.º 189, 21 de Março de 1884; PINTO, Maurício Augusto Águas, "A Actriz Ester de Carvalho", inAlbum Figueirense, Ano I, n.º 10 (Março de 1935), pp. 317-320; Silva, Mário, "Manlianense Ilustres II: Esther Amélia da Costa Coutinho da Silva Carvalho (1858-1884)", in Revista Monte Mayor a terra e a gente N.º 7, Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, 2009; "Vida Regional" (1958-1960).

## JÁ TIVESTE OPORTUNIDADE DE VISITAR O TEATRO ESTHER DE CARVALHO?



